

Editorial

A educação é um exercício profissional, um campo de pesquisa, uma forma de buscar a autonomia pessoal, de se credenciar para ascender socialmente. É uma dimensão dos fazeres humanos, uma preocupação coletiva, um compromisso social. A educação compreende diferentes maneiras de atuar em comunidade, de compartilhar saberes e experiências, de constituir sujeitos. Mas a educação não se limita a essas definições, pois está em constante expansão e em contínuo processo de significação. Quem pesquisa, pensa e reflete sobre esse objeto tão pulsante sabe que a tarefa de cercar a educação de sentidos é um trabalho de Sísifo: incansável e infinito.

Sísifo é o personagem da mitologia grega condenado a executar um trabalho exaustivo por toda a eternidade. Após trapacear astutamente os deuses diversas vezes, Sísifo foi obrigado a rolar uma grande rocha de mármore até o cume de uma montanha. Toda vez que estava prestes a conseguir o feito, a pedra rolava morro abaixo, fazendo o castigo voltar à estaca zero. Sísifo teria que voltar e começar tudo novamente e, segundo a lenda, até o fim dos tempos.

O cotidiano dos que pesquisam e trabalham com a educação tem algum parentesco com a tarefa do mortal grego que desafiou o Olimpo. É um trabalho duro, cansativo e inesgotável. Exige perícia, atenção, concentração e energia renovada. Para alguns, essa atividade adquire os contornos de uma sina. Para outros, é um desafio quase épico. Mas qualquer que seja o sentido, o fato é que o trabalho dos professores nunca pára, nunca acaba. Há sempre novos objetos a compreender e novos sujeitos a descobrir: condições tão especiais que mais parecem pertencem ao universo do fantástico. E é justamente na linha tênue que separa o possível do impossível que pesquisadores e professores fazem o seu trabalho. Todos os dias, diante de livros ou quadros negros, de crianças ou adultos, em qualquer parte.

Aliás, parece não existir limitações geográficas para os professores. Eles estão em modernas salas de aula ou em distantes aldeias indígenas, nas periferias urbanas ou nos longínquos rincões, em palafitas e barracões, em auditórios e creches, em presídios e escritórios executivos, em teleaulas ou pela internet. Pode-se explicar uma presença tão maciça pelo vínculo quase obrigatório entre educação e inserção social, entre os compromissos

de auxiliar no desenvolvimento e de promover a cidadania. A educação, então, é também uma forma de inserir, agregar.

Esta edição da **Contrapontos** está particularmente preocupada com a pesquisa em educação e suas formas de inserção social. Este eixo temático é composto por reflexões vindas de diversos cantos do país e de vários lugares de fala.

Maia, Caldeira e Tosta iniciam o volume com o desafio de articular conceitos distintos como os de diferença e de aprendizagem. Segundo argumentam, ambas são produzidas por meio de interações sociais que não são formativas a *priori*. Por isso, é necessário operar em outras esferas da compreensão para lograr êxitos.

Scuro Mendes volta doze anos atrás para revisar conceitos como cidadania e inclusão. Seu marco de análise é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) e suas conclusões reverberam o signo de Sísifo no cipoal que a educação brasileira vive entre dizeres e fazeres. Este apelo é reforçado pelo artigo de Pereira e Williams que se debruçam sobre a concepção de inclusão social das educadoras de crianças vítimas de violência doméstica. A pesquisa, realizada com 18 professoras e 10 diretoras de escola, revela a superficialidade de entendimento que as primeiras têm da matéria, bem como de sua disposição para se reciclar sobre o assunto.

É sobre o binômio Políticas educacionais-equidade que Lima e Rodríguez tratam em seu texto. Críticas, as autoras transitam entre autores e dispositivos normativos para averiguar o que pode sustentar palavras de ordem como “tratamento desigual” e “igualdade de oportunidades”, por exemplo.

A discussão em torno da inserção social e dos compromissos da educação fica ainda mais aguda a partir de Bacaro e Silva, que refletem sobre o caso de indígenas com necessidades educacionais especiais. A pesquisa – documental e empírica – objetivou mostrar os problemas que esses sujeitos encontram em suas etapas formativas, além dos impasses gerados institucionalmente.

Dois outros artigos abordam – de forma distinta – o eixo temático desta edição: Nogueira e Carneiro fazem convergir educação geográfica e consciência espacial cidadã, casamento com fortes inspirações freireanas; e Elsen, Silva, Próspero e Costa relatam a experiência de um projeto popular de educação e prevenção da violência contra a mulher.

Nas nossas seções fixas neste número, as crianças estão em evidência. Nas Reflexões Acadêmicas, La Pastina enfoca os estudos de memória e percepção para a compreensão de desenhos infantis, enquanto que na Seção do Professor, de Paula apresenta instigantes revelações acerca do comportamento dos pequenos em situações regulatórias. Como esta edição da **Contrapontos** é dedicada à Pesquisa em Educação e à Inserção Social, não poderíamos concluí-la de forma mais coerente se não entrevistando um dos principais acadêmicos brasileiros na área, o professor Nilton Bueno Fischer.

Sem qualquer pretensão de esgotar o assunto – pois este seria um trabalho não só para Sísifo, mas também para Hércules! -, esta é a **Contrapontos** que lhes chega às mãos, leitores.

Boa leitura!

O Editor